

Trabalhar com espírito

09/06/2011

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Já dizia Simone Weil, filósofa e mística francesa do século XX, que a escravidão é o trabalho sem luz, sem poesia, sem religião. E – acrescentaríamos nós – o trabalho digno deste nome é uma potente fonte de humanização e criatividade para o ser humano.

A concepção do trabalho como carga, peso insuportável, castigo, pena a ser cumprida decorre de uma leitura deformada do texto do livro do Genesis onde Deus, após a queda, diz a Adão que lhe será necessário ganhar o pão com o suor de seu rosto, lutando contra a resistência de uma terra que lhe daria abrolhos e espinhos em vez de render-se, graciosa, a sua intervenção.

A esta concepção negativa somou-se outra, a do trabalho incessante e obsessivo para acumular riqueza e ganhar dinheiro, formando capital a partir do esforço laboral. Assim é que a fábula de La Fontaine sobre a cigarra e a formiga glorifica o modelo da formiga que trabalha, trabalha, trabalha e enche seu celeiro de provisões, enquanto a cigarra canta e enche os céus e a terra de música. Quando chega o inverno, a cigarra com frio e fome, bate à porta da rica formiga pedindo-lhe ajuda. Esta lhe é negada, argumentando que quem não trabalhou também não come e jogando na necessidade permanente a artista que acreditou que podia viver de criatividade e arte.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Nem só cantar, mas também nem só trabalhar obsessivamente transformando aquilo que deve ser lugar de criatividade e transformação do mundo em algo melhor numa introversiva e egoísta busca de riqueza apenas para si próprio. Na raiz dessa atitude está a atual agressão à terra e ao meio ambiente que ameaça o futuro do planeta e da humanidade. O trabalho que agride a terra da qual tira seus recursos é assassino e predatório e desumaniza o ser humano que o realiza.

Por outro lado, as condições de trabalho que não permitem nem deixam espaço para a criatividade, a luz do pensamento, a solidariedade e os sentimentos do coração embrutece o ser humano, transformando-o em uma máquina que se vai desgastando através do tempo e não sabe mais as razões para realizar aquilo que faz, sendo escravo e não trabalhador.

Ao celebrar o dia do trabalho, o que Simone Weil escreve em seu diário de fábrica nos parece guardar toda a sua atualidade. Abatida cruelmente pela fadiga de um trabalho desumano, ela diz: "O esgotamento acaba por me fazer esquecer as razões verdadeiras de minha estadia na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que comporta esta vida: a de não mais pensar, único meio de não mais sofrer. Apenas durante o sábado à tarde e no domingo as lembranças me vêm, fiapos de idéias...Pavor que me toma constatando a dependência em que me encontro com respeito às circunstâncias exteriores; bastaria que elas me constrangessem um dia a um trabalho sem repouso hebdomadário...e eu me tornaria uma besta de carga."

É doloroso constatar que hoje, quase um século depois que SW escreveu estas palavras, ainda estamos diante de problemas parecidos: trabalho desumanizante, opressor e exaustivo, com recompensa de salário magro e insuficiente. Trabalho infantil que explora e coloca prematuramente no mercado de trabalho crianças que deveriam estar estudando e brincando, desenvolvendo sua capacidade de descobrir o mundo ludicamente. Trabalho explorador das capacidades humanas que sugam as energias e agridem corpo e mente do trabalhador.

Que neste Dia do Trabalho possamos comprometer-nos a lutar para que o trabalho humano seja aquilo que realmente é chamado a ser: chance dada por Deus a sua criatura de colaborar na obra da criação. E, portanto, capacidade de transformar o mundo e iluminá-lo com a criatividade, a intervenção do esforço de corpo, mente e coração e oferece-lo em liturgia de ação de graças cósmica e totalizante.